



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA FRANCISCO
AOS PARTICIPANTES DO ENCONTRO DO SECRETARIADO
DE JUSTIÇA SOCIAL E ECOLOGIA DA COMPANHIA DE JESUS**

Sala Clementina

Quinta-feira, 7 de novembro de 2019

[Multimídia]

Bom dia e bem-vindos!

Como todos sabemos, desde o início a Companhia de Jesus foi chamada ao serviço dos pobres, uma vocação que Santo Inácio inseriu na *Fórmula* de 1550. Os jesuítas ter-se-iam ocupado «da defesa e da propagação da fé, e do progresso das almas na vida e na doutrina cristã», dedicando-se a «reconciliar os dissidentes, a ajudar e a servir piedosamente aqueles que estão na prisão e nos hospitais, e a praticar... todas as outras obras de caridade» (*Fórmula do Instituto*, 21 de junho de 1550, aprovada e confirmada pelo Papa Júlio III). Não se tratava de uma declaração de intenções, mas de um estilo de vida que já tinham experimentado, que os enchia de consolação e para o qual se sentiam enviados pelo Senhor.

Esta tradição inaciana original chegou até aos dias de hoje. O Padre Arrupe propôs fortalecê-la. Na base da sua vocação estava a experiência do contacto com a dor humana. Anos mais tarde ele escreveu: «Vi (Deus) tão perto dos que sofrem, dos que choram, dos que naufragam nesta vida de abandono, que em mim se acendeu o ardente desejo de o imitar nesta proximidade voluntária aos deserdados do mundo que a sociedade despreza» (*Este Japón increíble. Memoria del P. Arrupe*, 4a edição Mensajero, Bilbao, 1991, pág. 19).

Hoje usamos a palavra descartados, não é? Falamos da cultura do descarte, da grande maioria de pessoas deixadas para trás. O que me impressiona profundamente deste texto é a sua origem, de onde ele vem. Da oração, não é verdade? O Padre Arrupe era um homem de oração, um homem que lutava com Deus todos os dias, e foi ali que nasceu esta força. O Padre Pedro sempre acreditou que o serviço à fé e a promoção da justiça não se podiam separar: estão

radicalmente unidos. Para ele, todos os ministérios da Companhia tinham que responder ao desafio de proclamar a fé e, ao mesmo tempo, de promover a justiça. O que até então tinha sido uma tarefa destinada a alguns jesuítas devia tornar-se uma preocupação de todos.

Os pobres, lugar de encontro com o Senhor

Todos os anos a liturgia nos convida a contemplar Deus na candura de um menino excluído que veio entre o seu povo mas não foi recebido (cf. *Jo* 1, 11). Segundo Santo Inácio, uma serva — uma serva, uma jovem, uma pessoa que serve — assiste a Sagrada Família (cf. *Exercícios espirituais*, nn. 111-114). Juntamente com ela, Inácio exorta-nos a estarmos também nós ali: «Faço-me servo pequeno e indigno, olhando para eles, contemplando-os e servindo-os nas suas necessidades» (*ibidem*). Não é poesia nem publicidade, pois Inácio sentia e vivia isto.

Esta contemplação ativa de Deus, de Deus excluído, ajuda-nos a descobrir a beleza de cada pessoa marginalizada. Nenhum serviço substitui «a valorização dos pobres na sua bondade própria, com o seu modo de ser, com a sua cultura, com a sua forma de viver a fé» (Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, 199).

Nos pobres tivestes um lugar privilegiado de encontro com Cristo. Este é um dom precioso na vida do seguidor de Cristo: receber o dom de o encontrar entre as vítimas e os pobres.

O encontro com Cristo entre os seus prediletos apura a nossa fé. Assim aconteceu no caso da Companhia de Jesus, cuja experiência com os últimos aprofundou e fortaleceu a fé. «A nossa fé tornou-se mais pascal, mais compassiva, mais terna, mais evangélica na sua simplicidade» (*Congregação geral 34 da Companhia de Jesus*, 1995, d. 2, n. 1), especialmente no serviço aos pobres.

Vivestes uma verdadeira transformação pessoal e corporativa na contemplação silenciosa da dor dos vossos irmãos. Uma transformação que é conversão, é voltar a olhar para o rosto do crucificado, que nos convida todos os dias a permanecer ao seu lado e a depo-lo da cruz.

Não deixeis de oferecer esta familiaridade com os vulneráveis. O nosso mundo dilacerado e dividido tem necessidade de construir pontes para que o encontro humano permita que cada um de nós descubra nos últimos o bonito rosto do nosso irmão, em quem nos reconhecemos, e cuja presença, até sem palavras, exige na sua necessidade o nosso cuidado e a nossa solidariedade.

Seguir Jesus no meio dos crucificados

Jesus não tinha «onde reclinar a cabeça» (*Mt* 8, 20), dedicado como vivia a anunciar «o Evangelho do Reino» e a curar «todas as doenças e enfermidades» (*Mt* 4, 23). Hoje o seu Espírito, vivo entre nós, impele-nos a segui-lo no serviço aos crucificados do nosso tempo.

Atualmente, abundam situações de injustiça e de dor humana que todos conhecemos bem. «Talvez se possa falar de uma terceira guerra combatida “aos pedaços”, com crimes, massacres, destruições» (*Homilia*, Redipuglia, 13 de setembro de 2014). Subsiste o tráfico de pessoas, abundam expressões de xenofobia e a busca egoísta do interesse nacional, a desigualdade entre os países e dentro deles continua a crescer, sem que se encontre uma solução. Com uma progressão geométrica, diria eu.

Por outro lado, «nunca maltratamos nem ofendemos tanto a nossa casa comum como nos últimos dois séculos» (Carta Encíclica *Laudato si'*, 53). Não surpreende que mais uma vez «os efeitos mais graves de todas as agressões ambientais recaem sobre as pessoas mais pobres» (*ibid.*, n. 48).

Seguir Jesus nestas circunstâncias exige um conjunto de tarefas. Começa com o acompanhamento das vítimas, para contemplar nelas o rosto de nosso Senhor crucificado. Continua na atenção às necessidades humanas que surgem, muitas vezes inúmeras e inacessíveis na sua totalidade. Hoje é necessário refletir também sobre a realidade do mundo, desmascarar os seus males, descobrir as melhores respostas, gerar a criatividade apostólica e a profundidade que o Padre Nicolás tanto desejava para a Companhia.

Mas a nossa resposta não pode parar aqui. Precisamos de uma verdadeira «revolução cultural» (*ibid.*, n. 114), de uma transformação do nosso olhar coletivo, das nossas atitudes, da nossa forma de nos considerarmos e de nos colocarmos diante do mundo. Enfim, os males sociais fecham-se muitas vezes nas estruturas de uma sociedade, com um potencial de dissolução e morte (cf. Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, 59). Eis a importância do lento trabalho de transformação das estruturas, através da participação no diálogo público, onde se tomam as decisões que condicionam a vida dos últimos (cf. *Encontro com os movimentos populares na Bolívia*, Santa Cruz de la Sierra, 9 de julho de 2015).

Alguns de vós, e muitos dos jesuítas que vos precederam, iniciaram obras de serviço aos mais pobres, obras de educação, de atenção aos refugiados, de defesa dos direitos humanos e de serviços sociais em inúmeros campos. Continuai com este compromisso criativo, sempre com necessidade de renovação numa sociedade em que as mudanças são aceleradas. Ajudai a Igreja no discernimento que hoje devemos fazer também em relação aos nossos apóstolados. Não deixeis de colaborar em rede entre vós e com outras organizações eclesiais e civis para dedicar uma palavra em defesa dos mais necessitados neste mundo cada vez mais globalizado. Com esta globalização esférica, que anula as identidades culturais, as identidades religiosas e as identidades pessoais, tudo é igual. A verdadeira globalização deve ser poliédrica. Devemos unir-nos, mas cada qual conservando a sua peculiaridade.

Na dor dos nossos irmãos e da nossa casa comum ameaçada, é necessário contemplar o mistério do crucificado, para sermos capazes de dar a vida até ao fim, como fizeram muitos

companheiros jesuítas desde 1975. Este ano celebramos o 30º aniversário do martírio dos jesuítas da “Universidad Centroamericana” de El Salvador, que tanto sofrimento causou ao Padre Kolvenbach, levando-o a pedir a ajuda dos jesuítas de toda a Companhia. Muitos responderam generosamente. A vida e a morte dos mártires são um encorajamento ao nosso serviço aos últimos.

E abrir caminhos para a esperança

O nosso mundo precisa de transformações que protejam a vida ameaçada e defendam os mais frágeis. Nós buscamos mudanças e muitas vezes não sabemos quais devem ser, ou não nos sentimos capazes de as enfrentar, porque elas nos superam.

Nas fronteiras da exclusão, corremos o risco do desespero, se seguirmos unicamente a lógica humana. É surpreendente que muitas vezes as vítimas deste mundo não se deixem vencer pela tentação de ceder, mas têm confiança e acalentam a esperança.

Todos nós somos testemunhas de que «os mais humildes, os explorados, os pobres e os excluídos» podem fazer e fazem muito... Quando os pobres se organizam, tornam-se autênticos «poetas sociais: criadores de trabalho, construtores de casas, produtores de alimentos, sobretudo para os descartados pelo mercado global» (*Encontro com os movimentos populares na Bolívia*, Santa Cruz de la Sierra, 9 de julho de 2015).

O apostolado social existe para resolver problemas? Sim, mas acima de tudo para promover processos e encorajar a esperança. Processos que ajudem as pessoas e as comunidades a crescer, que as levem a estar conscientes dos seus direitos, a utilizar as suas competências e a criar o seu próprio futuro.

Trabalhai pela «verdadeira esperança cristã, que procura o Reino escatológico [e que] gera sempre história» (Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, 181). Compartilhai a vossa esperança onde quer que estejais, para encorajar, consolar, confortar e reanimar. Por favor, abri o futuro ou, para usar a expressão de um letrado atual, frequentai o futuro. Abri o futuro, suscitai possibilidades, gerai alternativas, ajudai a pensar e a agir de forma diferente. Cuidai da vossa relação diária com Cristo ressuscitado e glorioso, sede trabalhadores de caridade e semeadores de esperança. Caminhai, cantando e chorando, para que as lutas e as preocupações pela vida dos últimos e pela criação ameaçada não vos tirem a alegria da esperança (cf. *Laudato si'*, 244).

Gostaria de concluir com uma imagem — nós, sacerdotes distribuímos santinhos nas paróquias, a fim de que as pessoas levem para casa uma imagem, uma nossa imagem de família. O testemunho do Padre Arrupe, lá na Tailândia, no campo de refugiados com os descartados, com tudo o que aquele homem tinha de simpatia, de sofrer com aquele povo, com os jesuítas que começavam a abrir uma brecha naquele momento em todo o seu apostolado, pede-vos algo: não

descuideis a oração. Este foi o seu testamento. Naquele dia partiu da Tailândia e, durante o voo, teve um derrame. Que este santinho, esta imagem, vos acompanhem sempre.

Obrigado!